

o estudo iconográfico, orientado por uma perspectiva histórica, permite enriquecer a compreensão dos processos sociais e culturais.

Por dever de ofício e para que o leitor possa tirar proveito integral da obra, cabe assinalar algumas falhas de revisão no Índice das Ilustrações (pp. 165-6). No Índice por Autor, a figura que corresponde a Betes é a de número 26 (não 24) e a Debret corresponde, além das figuras 30 e 34, a de número 32. No Índice por Tribo, deve ser acrescentada aos Botocudos a figura 32; aos Guaikurú a 24; aos Múra a 23 e aos Purí a 49, não correspondendo aos Tukuna as figuras 23 e 24. Falta também indicar, nesse índice, que as figuras 33 e 34 correspondem a índios da Califórnia e que os das figuras 37,38 e 39 não puderam ser identificados. Essas falhas devem ser apontadas porque, sendo as figuras desprovidas de legendas, o índice é necessário ao consultar a obra.

Para concluir, assinalemos que a autora se refere repetidamente ao problema da iconografia indígena nos textos escolares de nível médio, deplorando que autores e editores perpetuem neles imagens arbitrárias e obsoletas. Crítica muito oportuna, mas que não deveria limitar-se ao livro didático; quantos estudantes universitários e "leigos cultos", ao manusear recente tradução brasileira d'*A Sociedade contra o Estado*, de Clastres, não estão convencidos de que o grotesco "índio flechador" de Debret é um autêntico caçador Guaiakí?

Antônio Porro

*

LUIZ AUGUSTO MILANESI: *O Paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 224p. (Col. Estudos brasileiros, 32).

É fato conhecido que a TV modificou hábitos e costumes das populações urbanas e seus agregados periféricos. Mas de que maneira se realizou essa mudança, é a proposta pesquisada por Luiz Milanesi em "O paraíso via Embartel".

O autor, professor de orientação bibliográfica na Escola de Comunicações e Artes da USP, utilizando métodos da antropologia social, levanta minuciosamente o desenvolvimento de todos elementos constitutivos da cultura popular de uma pequena comunidade interiorana do Estado de São Paulo, no caso, Ibitinga.

Partindo da pesquisa sistemática da imprensa periódica ibitinguense, o autor dissecou no espaço de 60 anos, todos os aspectos de cultura e lazer vividos pela população, acompanhando o processo de transformação gradual sofrido por cada aspecto estudado. Além dos jornais, entrevistas com antigos moradores e questionários foram empregados para obtenção dos dados levantados. Estes, elaborados criticamente, dão uma visão da passagem de uma sociedade de economia rural para a economia capitalista, trans-

formando a cultura popular em cultura industrializada, através dos meios de comunicação.

A imprensa, além de fornecedora de informações, é também analisada como um dos elementos de manifestação cultural, ao lado do circo, teatro, cinema, música, rádio, religião, moda e comportamento, televisão e outras formas de lazer e comunicação, que incluem bailes, festas populares, conversas na calçada, esportes, etc. O rádio é o primeiro elemento desagregador da cultura popular espontânea, transformando-a em cultura de massa, fenômeno substituído com maior intensidade pela televisão, alterando com tal profundidade a vida da população, que quando inquiridos sobre o que fariam se não houvesse mais televisão, os indivíduos tiveram uma reação de espanto e perplexidade.

Como o autor explica no prefácio, Paulo Emílio Salles Gomes, orientador da tese de mestrado que deu origem ao presente trabalho, dizia conhecer Ibatinga através da leitura dos manuscritos. E essa mesma sensação é transmitida ao leitor, que passa a conviver com Ibatinga do passado e presente, conhecimento este que pode ser explorado por qualquer outra cidade do interior de São Paulo e muitas do Brasil.

Escrito com claresa, o livro prende o interesse do leitor pela descrição viva e brilhante dos fatos narrados. Cabe menção especial à boa divisão dos capítulos e seus subtemas, que facilitam a leitura, bem como à bibliografia não pretenciosa, mas com uma boa seleção de obras brasileiras.

Diva Andrade

*

EDSON SOARES DINIZ: *Uma Reserva Indígena no Centro-Oeste Paulista*. (Aspectos das Relações Interétnicas e Intertribais. Coleção Museu Paulista, Série de Etnologia, vol. 3, 158 pp., il São Paulo, 1978.

“Uma Reserva Indígena no Centro-Oeste Paulista” é resultado de pesquisa de campo na reserva indígena do Araribá (Avaí, SP), habitada pelos índios Guarani (Tupi) e Terêna (Aruak). A monografia contém, também, dados colhidos em bibliografia e documentos. São focalizados os Guarani, cujos primeiros contingentes aportaram ao “Sertão de Bauru” em fins do século passado e os Terêna que, incentivados pelo SPI, começaram a chegar na década de 1930.

O livro é constituído de oito capítulos, a saber: 1. Sétima Região Administrativa; 2. Reserva Indígena do Araribá; 3. Guarani e Terêna; 4. Atividades Econômicas; 5. Instituições de Parentesco; 6. Chefias; 7. Crenças; 8. Relações Intertribais e Interétnicas. Conclusão; fotos; bibliografias e nove apêndices.

Apesar do longo convívio interétnico e da localização da reserva no Estado mais desenvolvido da Federação, os seus habitantes consideram-se índios e assim são iden-